



Jornais

Pelourinho 19 **A VISITA DE ALBANO NEVES E SOUSA** Salvador, 1965

Velhos mestres

À frente sua academia, situada no Pelourinho, em Salvador, Pastinha recebeu a visita de um pintor vindo de Angola. Chamava-se Albano Neves e Sousa [Albano Silvino Gama de Carvalho das Neves e Sousa (1921 - 1995)] e afirmava que tinha visto na África uma dança semelhante ao tipo de capoeira que o mestre baiano ensinava. Só que lá chamava-se *n'golo*. Até então, ninguém por aqui tinha ouvido falar de nada semelhante. A memória oral não registrava nenhuma prática ancestral específica. Muitos afirmavam, e continuam afirmando, que a capoeira teria sido inventada pelos escravos nas senzalas. Outros, que teria sido criada pelos quilombolas em sertões distantes. Estudiosos têm ressaltado o caráter urbano da capoeira, pois as fontes do século XIX só documentam sua prática por escravos africanos e crioulos (negros nascidos no Brasil) em cidades portuárias, como Rio de Janeiro e Salvador. Naquela época, era uma "brincadeira" proibida, e a grande maioria dos africanos presos por "jogar" capoeira no Rio de Janeiro era originária da África centro-ocidental, das "nações" Congo, Angola e Benguela. Em Salvador, a capoeira também era identificada como uma "brincadeira dos negros angola". Por essa razão, faz realmente sentido buscar as raízes da capoeira na região dos atuais Congo e Angola.

O *n'golo*, explicou Neves e Sousa ao velho capoeirista, é dançado por rapazes nos territórios do sul de Angola, durante o ritual da puerdade das meninas. Chamado de *mufico*, *efico* ou *efundula*, esse ritual marca a passagem da moça para a condição de mulher, apta a namorar, casar e ter filhos. É uma grande festa em que se consome muito macau, bebida feita de um cereal chamado *massambala*. O objetivo do *n'golo* é vencer o adversário atingindo seu rosto com o pé. A dança é marcada pelas palmas, e, como na roda de capoeira, não se pode pisar fora de uma área demarcada. *N'golo* significa "zebra" e, de fato, alguns movimentos, em particular o golpe dado com o pé, de costas e com as duas mãos no chão, parecem mesmo com o coice de uma zebra.

[..]

Infelizmente, Mestre Pastinha, por ocasião da visita de Albano Neves e Sousa, já estava com a vista comprometida por uma catarata - aliás, nunca operada por falta de recursos. Isso limitava muito qualquer plano seu de divulgar a recente descoberta. Chegou a contar a história que ouviu para seus alunos mais próximos, mas não deixou nenhum registro escrito sobre o *n'golo*. Nem seu livro *Capoeira Angola*, publicado pela primeira vez em 1964, nem seus diversos manuscritos, por serem anteriores ao encontro com o pintor luso-angolano, mencionam a "dança da zebra". Mas Albano Neves e Sousa conseguiu convencer outros brasileiros de sua teoria, entre eles o então presidente da Sociedade Brasileira de Folclore, Luís da Câmara Cascudo (1898 - 1986).

De volta a Angola, Neves e Sousa organizou, em 1966, a exposição "...Da minha África e do Brasil que eu vi..." [veja alguns desenhos abaixo; um livro com o mesmo nome foi publicado em 1972] com o material de suas viagens aos países de língua portuguesa dos dois lados do Atlântico, apontando semelhanças entre expressões culturais africanas e dos negros brasileiros. No prefácio do catálogo da exposição, Câmara Cascudo mencionava que o pintor "viu a ginástica do *n'golo*, batizada em 'capoeira'". O renomado folclorista seria o primeiro a divulgar, no Brasil, a teoria do *n'golo* como luta ancestral da capoeira. Ele conheceu Albano Neves e Sousa durante uma viagem a Angola em 1963 e daí nasceu uma amizade cultivada por correspondência durante muitos anos.

Assunção e M Cobra Mansa, A dança da zebra, 2008

NB! M Pastinha comenta sobre a dança da zebra em 1967 para a revista Realidade, duvidando direta ligação entre ela e capoeira.

Imagens











